

## **A Comunhão eucarística e a perfeita Comunhão eclesial**

### Uma meditação teológica

#### *Summary*

*In this article, Eucharistic Communion and perfect ecclesial Communion are based on the perfect complementary relationship between the Eucharist as “the whole Christ” (Catechism of the Catholic Church [= CCC] 1374), and “the Church (which) is the goal of all things” (CCC 760). The formation of perfect Communion is founded on the Eucharistic Presence as intended by God from the very beginning: The Son, “given” from the Father (Jo 3,16), took human nature, gave thanks and praise at the Last Supper, broke Himself on the Cross and gave Himself in the Eucharist, thereby re-establishing communion so that in the end “God may be all in all” (1Cor 15,28). The growth and fulfillment of this communion is seen in two biblical images; the rising healing water from the side of the temple (cf. Ez 47) and the growing mustard seed in which even “the birds of the air come and dwell in the branches thereof” (Mt 13,31f).*

*The article considers the quantitative aspect of ecclesial communion whereby God may be “all in all”. This necessitates a broad view, which takes into account not only the material world (cf. Rom 8,19-22), but also that of the angelic world (cf. 1Pe 1,12), as both are longing for the revelation of the sons of God.*

*The material world is, first of all, already “eucharisted” (CCC 1355) in the consecrated bread and wine. Second, it is touched by the Eucharistic Lord in the body of the Communicant with differing remarkable effects, including a “foretaste of Christ’s transfiguration of our bodies” (CCC 1000). Thirdly, it is called near to the Eucharistic Lord in the material used for the Liturgy, and finally it is preserved and liberated from evil through the sanctifying mission of the Christians in this world (cf. Jos 1,3; BENEDICT XVI, on May 26, 2005).*

*The call of the angels to this perfect ecclesial Communion is presented in four arguments. First, the angels “belong to” Christ (CCC 331), wherever He is. Second, they were tested with regard to “God and his reign” (CCC 392); to this end, the connection with His Eucharistic Presence is shown in the parable of the prodigal son based on an interpretation of St. Hildegard: namely, the older son, seen as the angels, is invited to the feast, but hesitated because of “the fatted calf”, the Son of God, slaughtered for the younger brother or “man”, while he did not even receive a “kid” (Lk 15,29f). Thirdly, different places in Scripture and in the writings of the Saints reveal how God invites the angels to His banquet with man (Imitation of Christ, IV,11) just as in the parable of the two sons, so that different texts of S. Scripture are fulfilled as God reconciles “through him [Christ] ... to himself all things, whether on earth or in heaven, making peace by the blood of his cross” (Cl 1,19). Finally, the point is made that the Union of the Three Persons in God is reflected in creation only through this perfect Communion of the three types of creatures; man, angel and pure matter, in the Eucharistic Christ, through whom and for whom all things were created.*

*This reflection concludes with the question: How does GOD realize this? “This ‘how’ exceeds our imagination and understanding; it is accessible only to faith” (CCC 1000).*

\* \* \*

## Introdução

O nosso tema - A Comunhão eucarística e a perfeita Comunhão eclesial - é dado pelo quarto capítulo da última Encíclica do Papa João Paulo II sobre a “Igreja da Eucaristia”.

Nesta encíclica João Paulo II escreve:

*A tensão escatológica suscitada pela Eucaristia exprime e consolida a comunhão com a Igreja celeste. Não é por acaso que, nas Anáforas orientais e nas Orações Eucarísticas latinas, se lembra com veneração Maria sempre Virgem, Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, os anjos, os santos apóstolos, os gloriosos mártires e todos os santos. Trata-se dum aspecto*

da Eucaristia que merece ser assinalado: ao celebrarmos o sacrifício do Cordeiro unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que grita: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro” (*Ap* 7, 10). A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço do céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho.<sup>1</sup>

Para tratar do nosso tema, devemos fixar bem três verdades fundamentais conexas no mistério da Eucaristia. Estas são:

1ª verdade: *A Eucaristia* não é simplesmente um pão segundo os acidentes preservados; tampouco é somente a presença como um dom distinto daquela da pessoa;<sup>2</sup> nem é o Corpo de Cristo de tal modo que se possa pensar nesse corpo aqui sob as espécies eucarísticas e nele mesmo lá no céu; não: a Eucaristia é o CRISTO mesmo<sup>3</sup>: “*verdadeiramente, realmente e substancialmente* o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, *o Cristo todo*” (Conc. de Trento: DS 1651; *Cat* 1374); é o Cristo mesmo em Pessoa, o Filho eterno de Deus Pai, Deus com e como o Pai e o Espírito Santo, aqui pessoalmente presente como no céu ou como dois mil anos atrás em Nazaré ou na Cruz do Calvário.

A 2ª verdade é que *Cristo* é um só, Aquele no céu e na história, o de ontem e de amanhã, o Alfa e o Omega, Aquele por quem e para quem “tudo foi criado” (*Cl* 1,16), e sem Ele nada existe.

<sup>1</sup> Encíclica *Ecclesia de Eucharistia – Sobre a Eucaristia na sua Relação com a Igreja* (= *EdE*), 2003, 19; cf. *Catecismo da Igreja Católica* (= *Cat*) 1370-1372; 1024; 1138.

<sup>2</sup> “O dom é transformado [...] já não é nenhum dom material, pois Ele é o presente, o inseparável, o ressuscitado: com carne e sangue, com corpo e alma, com divindade e humanidade. Cristo encontra-Se todo aqui. [...] Pensava-se, por vezes, [...] a presença eucarística não teria sido entendida como presença pessoal, mas sim como a presença de um dom que tinha de ser distinguido da pessoa, o que é um engano – [‘... das ist Unsinn’].” (Joseph Cardeal RATZINGER, *Introdução ao espírito da Liturgia*, Filhas de São Paulo, Lisboa 2001, 65).

<sup>3</sup> “*Continetur enim ipse Christus*” (S. TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 73, 5c); “A Eucaristia não recorda simplesmente um fato; recorda-o a Ele!” (JOÃO PAULO II, *Carta aos Sacerdotes na Quinta Feira Santa*, 2005; cf. CONC. VAT. II, *Presbyterorum Ordinis*, 5). “A Eucaristia é no fundo nada mais do que o Cristo que vive na Igreja e dá vida, e por isso Ela deve ser de importância central na economia da salvação.” (ten HOMPEL, zit. von Friedrich JÜRGENSMEIER, *Der mystische Leib Christi als Grundprinzip der Aszetik*, Schöningh, Paderborn 1936, 220; cf. *ibid.*, *Die hl. Eucharistie als Sakrament des Lebens und Wachstums des Einzelgliedes in Christus*, 218-236, e, *Die hl. Eucharistie als Opfer und Sakrament des mystischen Leibes Christi*, 258-274).

A 3ª verdade, enfim, é a da identidade da *Igreja*. Nela nós encontramos a SS. Eucaristia; dela A recebemos. Ela está tão intimamente unida com este mistério da presença de Cristo que goza quase dos mesmos atributos como Ele, sendo santa, infalível e até universal:

“*O mundo foi criado em vista da Igreja*”, diziam os cristãos dos primeiros tempos.<sup>4</sup> Deus criou o mundo em vista da comunhão com sua vida *divina*, comunhão esta que se realiza pela “convocação” dos homens em Cristo, e esta “convocação” é a Igreja. *A Igreja é a finalidade de todas as coisas*.<sup>5</sup> (Cat 760)

Logo, a Igreja fala sobre si mesma quase como São Paulo fala de Cristo: “Tudo foi criado [...] para Ele” (Cl 1,16).<sup>6</sup>

Estas três verdades, em certo sentido, são inseparáveis. Eucaristia sem Cristo não existe; “Cristo está presente na sua Igreja [...] sobretudo sob as espécies eucarísticas” (SC 7; Cat 1088), e uma Igreja sem Cristo Eucarístico é também vazia e sem sentido.<sup>7</sup> Disse Santo Hilário: “Cristo é a Igreja, carregando-a na sua totalidade em Si pelo Sacramento do Seu Corpo”<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> HERMAS, *Visiones pastoris*, 2,41; cf. ARISTIDES, *Apol.* 16,7: BP 11,125; JUSTINO, *Apol.*, 2,7: CA 1,216-218 (PG 6, 456).

<sup>5</sup> Cf. Sto. EPIFÂNIO, *Panarion seu adversus LXXX haereses*, 1,1,5.

<sup>6</sup> O Papa João Paulo II fala de um dinamismo eucarístico para dentro de toda a humanidade; ele pensa que toda a cultura e sociedade devem ser transformadas por homens eucarísticos: “A Eucaristia oferece não apenas a força interior, mas também em determinado sentido *o projeto*. Na realidade, aquela é um modo de ser que passa de Jesus para o cristão e, através do seu testemunho, tende a irradiar-se na sociedade e na cultura. Para que isso aconteça, é necessário que cada fiel assimile, na meditação pessoal e comunitária, os valores que a Eucaristia exprime, as atitudes que ela inspira, os propósitos de vida que suscita.” (*Mane nobiscum Domine* [= *MnD*], 25).

<sup>7</sup> Cristo, a Si mesmo, “Se criou um ‘corpo’. ‘Corpo de Cristo’ significa justamente participação dos homens no serviço de Cristo, assim que eles se transformam, por assim dizer, em Seus ‘órgãos’ e Ele não é mais pensável sem eles.” (Joseph Cardinal RATZINGER, citado em: Batista MONDIN, *As novas Ecclesialogias. Uma imagem atual da Igreja*, ed. Paulinas, São Paulo 1980, 182). E “porque a economia da salvação tem o *Corpus mysticum Christi* intrinsecamente como ponto final, a Eucaristia deve ser ordenada intrinsecamente ao Corpo místico de Cristo” (JÜRGENSMEIER, 220; cf. R. H. BENSON, *The Mystical Body and the Head*, New York 1911).

Devem surpreender-nos os seguintes fatos: num volume sobre “*Jesus Cristo – Mistério e presença*” (organizado por Ermanno Ancilli, Teresianum, Roma 1971, 729pp.), no qual colaboraram 26 teólogos de várias Ordens religiosas, não se encontra nenhuma contribuição sobre a presença eucarística de Jesus, como Batista Mondin, na análise das novas

O nosso intento é o de mostrar como Jesus, o Senhor Divino, realiza e alcança, não sem, mas até pela Sua presença viva na Eucaristia, a comunhão do mundo com a Sua vida divina na Igreja e pela Igreja.

Esse conceito universal da Igreja nos convida não tanto a olhá-la, por assim dizer, “para dentro”, mas “para fora”, a olhar para ela como “universal”, e isto, em três momentos: 1º ao *amor de Deus em Cristo*, ativo e se estendendo até aos últimos confins da criação; 2º ao *mundo material*, sendo inserido, de um modo singular, na Eucaristia uma matéria criada; e 3º ao *mundo angélico*, pois a Igreja abrange também os Santos no céu.

Pretendemos de desenvolver cada um destes três pontos em quatro passos, sem esquecer o que João Paulo II tão tipicamente dizia: “Este aspecto escatológico dá ao sacramento eucarístico *um dinamismo cativante*, que imprime ao caminho cristão o passo da esperança” (*MnD* 15).

### I. A “Comunhão eucarística” como elemento constitutivo da Igreja

O grande teólogo Matthias Joseph Scheeben afirma que o significado da Eucaristia na economia da salvação não se pode separar nem de Deus Uno e Trino, nem da Encarnação: “O mistério da Eucaristia segue ontologicamente ao da Encarnação, como o da Encarnação ao da Trindade”<sup>9</sup>. Tal conexão destes mistérios sugere como fio condutor as palavras da instituição do Sacramento da SS. Eucaristia, tão fielmente repetidas nas narrações das multiplicações dos pães, na própria instituição deste sacramento como na sua celebração depois da ressurreição: “Ele *tomou, abençoou, partiu e deu*”<sup>10</sup>.

---

eclesiologias do século passado, encontrou apenas em Bento XVI, ainda Professor Ratzinger, no seu estudo “O novo povo de Deus” uma “elaboração sistemática da concepção eucarística da Igreja” (B. MONDIN, *Joseph Ratzinger. Uma eclesiologia eucarística*, em: ID., *As novas Eclesiologias*, 178).

<sup>8</sup> “*Ipsa [Christus] enim est ecclesia, per sacramentum corporis sui univsum eam continens*” (In *Psalm. 425*, n. 6, em: Matthias Joseph SCHEEBEN, *Die Mysterien des Christentums*, Herder, Freiburg <sup>3</sup>1912, 417).

<sup>9</sup> SCHEEBEN, *Die Mysterien des Christentums*, p. 409; cf. §§ 69-71, p. 402-426; § 75, p. 452-454.

<sup>10</sup> É significativo que em todas as narrações das duas multiplicações de pães os evangelistas observam precisamente os mesmos quatro passos, que convidam a interpretá-los como indicação para algo mais. Por exemplo pode-se ver um paralelismo entre estes

## 1. O Cristo Divino-humanado – “Ele tomou”

São Pedro confessa, depois das duas multiplicações de pães (*Mt* 14,13-21 e 15,32-38): “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (*Mt* 16,16). E, ainda mais explicitamente diante do mistério eucarístico apenas explicado por Jesus no evangelho de São João, Pedro disse: “Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que Tu és o Santo de Deus!” (*Jo* 6,68s).

Cristo é “o Verbo” que “estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por Ele” (*Jo* 1,2), “todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem n’Ele” (*Cl* 1,15-17).

E Deus Pai “de tal modo [...] amou o mundo, que Lhe *deu* Seu Filho único, para que todo o que n’Ele crer não pereça, mas tenha a vida eter-

quatro passos mencionados e os quatro momentos no cumprimento pleno do plano de Deus:

- 1) Na *encarnação* Cristo criou para Si mesmo a natureza humana, isto é tomou a realidade criada,
- 2) na instituição da *Eucaristia* a abençoou,
- 3) no Seu *sacrifício* e morte na Cruz a partiu, e, por fim,
- 4) *na e pela Igreja* Se deu ou deixa-Se distribuir até que todos encontrem na união com Ele a sua satisfação definitiva e eterna.

Cf. os textos bíblicos seguintes:

- *Mt* 14,19: “Tomou os cinco pães e os dois peixes e, elevando os olhos ao céu, abençoou-os. Partindo em seguida os pães, deu-os aos seus discípulos, que os distribuíram ao povo.”
- *Mt* 15,36: “Tomou os sete pães e os peixes e abençoou-os. Depois os partiu e os deu aos discípulos, que os distribuíram à multidão.”
- *Mt* 26,26: “Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu aos discípulos.”
- *Lc* 24,30: “Aconteceu, [...] Ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e entregou-o [verbo ἐπι-δίδωμι].”
- *1Cor* 11,23s: “O Senhor Jesus, na noite em que foi traído [verbo παρα-δίδωμι], tomou o pão, e depois de ter dado graças, partiu-o e disse: Isto é ...”

Os mesmos quatro passos contam São Marcos em 6,41; 8,6; 14,22 e São Lucas em 9,16; 22,19. S. João, e só ele, não menciona o “partir”: “Jesus tomou os pães e rendeu graças. Em seguida, distribuiu-os às pessoas que estavam sentadas.” (*Jo* 6,11). O teólogo João, já que não conta as palavras da “instituição” da Eucaristia, provavelmente omite o “partir” porque descreveu o detalhe na morte de Jesus que os soldados, “como vissem (Jesus) já morto, não Lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-Lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água” (*Jo* 19,33-34).

na” (Jo 3,16; cf. IJo 3,16). – Não é sem importância, que no texto original encontramos para o termo “mundo” a palavra κόσμος, e para “deu” a palavra δίδωμι é usada para indicar o verbo “dar” seja nas narrações das multiplicações dos pães como na da distribuição da Eucaristia na última ceia.

De fato, “sendo Ele (Cristo Jesus) de condição divina, não Se prevaleceu de Sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-Se aos homens” (Fl 2,6s). Assim descreveu São Paulo a encarnação do Filho de Deus em Maria.

Neste passo já dá para observar as indicações aonde Cristo pretende chegar<sup>11</sup>:

- Com o poder do Espírito Santo transformou primeiro o sangue humano de Maria Santíssima em Seu Sangue!<sup>12</sup>
- Depois, no Seu nascimento em Belém, é significativo já o nome da cidade, “casa de pão”, e
- também o local: Ele não nasceu num albergue aonde os homens vão para pernoitar e comer, mas fora da “sociedade” dos homens, num estábulo de animais (cf. Is 1,3), deixando-Se deitar numa manjedoura de animais (cf. Lc 2,7 e 16) como se quisesse já indicar que quer dirigir-se também às criaturas inferiores aos homens, dando a Sua “carne pela vida do mundo”<sup>13</sup>.

Desta maneira tinha presente no Seu nascimento todos os três tipos de criaturas: os homens colaborando e adorando, os espíritos celestes anunciando e louvando, e o mundo inferior, representado pelos animais e pela matéria inorgânica acolhendo-O. Podemos resumir: realmente desde a Sua Encarnação, o Filho de Deus queria descer totalmente.

<sup>11</sup> Está certo ler os fatos neste sentido, porque esta é a maneira como Deus falou em grande parte do Antigo Testamento, e como uma criança se comunica: antes por sinais e fatos do que por palavras.

<sup>12</sup> João Paulo II chamou à fé com que Nossa Senhora acolheu a mensagem do Anjo e o Verbo Divino “fé eucarística”: “De certo modo, Maria praticou a sua fé eucarística ainda antes de ser instituída a Eucaristia, quando *ofereceu o seu ventre virginal para a encarnação do Verbo de Deus*” (EdE, 55). E Bento XVI segue-o nesta visão: “A ‘mulher eucarística’ em profundidade, a partir da sua atitude interior: da Anúnciação [...] de certo modo, podemos dizer que a sua viagem (a Santa Isabel) foi [...] a primeira ‘procissão eucarística’ da história” (31 de maio de 2005, em: *L’Osservatore Romano* (ed. port.), 4 de junho de 2005, p. 5); cf. SCHEEBEN, *Die Mysterien des Christentums*, 436s e 450.

<sup>13</sup> Jo 6,51; cf. 6,33.

## 2. O Cristo Divino-humanado-eucarístico – “deu graças”

No primeiro milagre na Sua vida pública encontramos estes momentos todos unidos: num banquete de festa de núpcias, símbolo da união entre os homens (alma e corpo, isto é espírito e matéria<sup>14</sup>), Ele toma a matéria, de novo a transforma, desta vez, água em vinho, isto é naquela matéria que usará mais tarde para a transformação em Sua presença eucarística.

Na Sua vida pública Jesus tinha a meta claramente diante de Si, deixa-o perceber o dinamismo em direção de Sua meta: “Eu vim *lançar fogo* à terra, e que tenho Eu a *desejar* se ele já está aceso? Mas devo ser batizado num batismo; e *quanto anseio* até que ele se cumpra!” (Lc 12,49s).

E chegada a hora, Jesus pôs-se à mesa, e com Ele os apóstolos. Disse-lhes: Tenho *desejado ardentemente* comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer. [...] Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-o, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós [...]. (Lc 22,14-15.19-20)

No Catecismo, o Magistério comenta assim: “A Igreja nasceu primeiramente do dom total de Cristo para nossa salvação, *antecipado* na instituição da Eucaristia e *realizado* na Cruz” (Cat 766; cf. EdE 5 e 21). Assim

“o começo e o crescimento da Igreja são significados pelo sangue e pela água que saíram do lado aberto de Jesus Crucificado” (LG 3). “Pois do lado de Cristo dormindo na Cruz é que nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (SC 5). Da mesma forma que Eva foi formada do lado de Adão adormecido, assim a Igreja nasceu do coração traspassado de Cristo morto na Cruz.<sup>15</sup> (Cat 766)

Evidentemente, o Magistério quer dizer: a instituição da Santíssima Eucaristia, ou melhor, o início da presença e permanência de Cristo neste mundo através do mistério eucarístico é em vista da Igreja, que já conhecemos como “‘convocação’ dos homens em Cristo” e “finalidade de todas as coisas” (Cat 760).

---

<sup>14</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*, 31 de maio de 2004, especialmente 8-12.

<sup>15</sup> Cf. Sto. AMBRÓSIO, *In Lc II*, 85-89.



### **3. O Cristo Divino-humanado-eucarístico-imolado – “partiu”**

Conseqüentemente devemos também entender certas frases relacionadas ao Cristo Crucificado em vista deste plano com a Igreja. Já antes da Sua Paixão, Jesus disse: “Quando Eu for levantado da terra, *atrairei todos a Mim*” (Jo 12,32), referindo-Se à Sua morte na Cruz, mas se entende também em vista de Sua volta gloriosa segundo o Apocalipse: “Ei-l’O que vem com as nuvens. *Todos os olhos O verão*, mesmo aqueles que O traspassaram”(Ap 1,7).

Na Cruz, na hora de ter cumprido o Seu sacrifício, ainda grita como confissão testamentária: “*Tenho sede!*” (Jo 19,28). Muito foi dito sobre esta sede do Senhor, de modo que aqui podemos pressupor esta discussão e logo dizer: Jesus desejava “cumprir a Sua obra” (Jo 4,34), o cumprimento deste sacrifício na conversão dos pecadores e na realização definitiva do plano de Deus desde o início.<sup>16</sup>

Sua última “palavra” era um *signal* vivo, o “*sangue e água*” que “*saiu*” do Seu lado (cf. Jo 19,34).

Tudo indica que Jesus cumpriu a obra da redenção na Cruz, mas *olhou até ao fim de toda a criação*, até ao fim do mundo, e isto é a história de Sua presença eucarística e universal - o quarto passo de Sua missão.

### **4. O Cristo Divino-humanado-eucarístico-imolado-eclesial universal – “deu”**

#### **a) O projeto universal e definitivo**

De fato, Deus “nos manifestou o misterioso desígnio de Sua vontade, [...] - desígnio de *reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra*”<sup>17</sup>: Ele quer “por Seu [de Cristo] intermédio *reconciliar consigo todas as criaturas, pelo [διὰ] sangue da Sua Cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus*”<sup>18</sup>.

<sup>16</sup> Cf. *Cat* 2560; 2711; 2727-2730; 1011; 2548 ss.

<sup>17</sup> “Ele nos manifestou o misterioso desígnio de Sua vontade, que em Sua benevolência formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos - desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. Nele é que fomos escolhidos, predestinados segundo o desígnio daquele que tudo realiza por um ato deliberado de Sua vontade, para servirmos à celebração de Sua glória, nós que desde o começo voltamos nossas esperanças para Cristo” (*Ef* 1,9-12).

<sup>18</sup> *CI* 1,19. “Herveus Burgidolensis segue a outra interpretação deste texto paulino,

Cristo renoverá “*todas as coisas*” (Ap 21,5), de modo que “*Deus seja tudo em todos*” (1Cor 15,28).

No fim da história, na Jerusalém celeste, onde não entrará nada de impuro (cf. Ap 21,27) e ninguém “sem o traje nupcial” (Mt 22,12), não haverá mais “templo algum, porque o Senhor Deus Dominador é o seu templo, assim como o Cordeiro. A cidade não necessita de sol nem de lua para iluminar, porque a glória de Deus a ilumina, e a sua luz é o Cordeiro. As nações andarão à sua luz, [...] não haverá noite” (Ap 21,9-10.22-25).

Então, deve-se perguntar: *Como* Cristo realizará isto? *O que se passará* entre o Seu “*Consummatum est*” na Cruz e esta glória final e universal na Jerusalém celeste?

### **b) A execução pelo Cristo Eucarístico**

A resposta deve vir de Sua presença entre nós: Ele está conosco, na Igreja, com a Sua Palavra e na SS. Eucaristia. “Como Senhor, Cristo é também a cabeça da Igreja, que é Seu Corpo (cf. Ef 1,22). Elevado ao céu e glorificado, tendo assim cumprido plenamente Sua missão, Ele permanece na terra em Sua Igreja.” (Cat 669)

Nesta Sua Igreja, isto é na *Eucaristia*, Cristo é o Cordeiro imolado e ressuscitado, a Vítima expiatória da Cruz<sup>19</sup>, que está viva, e como tal Aquele “do qual, como de sua fonte e cabeça, *promana toda a graça e a vida do próprio Povo de Deus*’ (LG 50)” (Cat 957): “Os fiéis (*sancti*) são alimentados pelo Corpo e pelo Sangue de Cristo (*sancta*), a fim de crescerem na comunhão do Espírito Santo (*Koinonia*) e de comunicá-la ao mundo” (Cat 948). E assim, “o nome *comunhão* [...] mais do que a qualquer outro (sacramento), este nome convém à Eucaristia, porque é

---

dada também por S. Agostinho: A amizade entre os Anjos e homens, perdida pelo pecado dos homens, é restaurada pela redenção. Também Pedro Lombardo e Tomás de Aquino seguem esta interpretação” (Nathanael THANNER, “Was bedeutet die «Anakephalaiosis» der gesamten Schöpfung in Eph 1,10?”, em: *Sapientia Crucis* 5 (2004), 33).

<sup>19</sup> O Catecismo chama a Eucaristia o “Sacramento de Cristo morto e ressuscitado” (Cat 1524; cf. tb. 1517). “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” (Jo 1,29 e na liturgia da Santa Missa). Cf. as encíclicas *Mystici Corporis* (1943), *Mediator Dei* (1947) e *Haurietis Aquas* (1956) de Pio XII; Angelico A. KOLLER, *Reparation to the Sacred Heart. Theology of Consolation*, Hales Corners, Wisconsin 1971 (com bibliografia abundante, 225-237).

principalmente ela que consuma esta comunhão' (*Catechismus Romanus* 1.10,24)" (*Cat* 950). "Só o corpo vivo do sacramento consegue construir o corpo vivo da nova cidade de Deus".<sup>20</sup>

João Paulo II abriu sua encíclica sobre a Eucaristia com estas palavras:

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o *próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (*Mt* 28, 20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança. (*EdE*, 1)

### c) A Igreja vive da Eucaristia

Estas palavras falam de um dinamismo na Igreja através da Eucaristia (cf. *MnD* 15):

A Igreja *começa* com o Senhor Eucarístico, pois "a Eucaristia *cria comunhão*" (*EdE* 40; cf. *EdE* 21). Pela Eucaristia, o próprio Cristo começa a conquistar individualmente as almas e o Seu povo (cf. 3ª Oração Eucarística) para o qual adquiriu, através do Seu sacrifício na Cruz – objetiva e geralmente – a salvação.

Então, "a Igreja *vive* da Eucaristia" (*EdE* 1), e se *desenvolve* pela força do Senhor Eucarístico:

Na realidade, o Batismo é incorporação num corpo edificado e vivificado pelo Senhor ressuscitado mediante a Eucaristia, de tal maneira que este corpo pode ser verdadeiramente chamado Corpo de Cristo. A Eucaristia é fonte e força criadora de *comunhão* entre os membros da Igreja precisamente porque une cada um deles com o próprio Cristo: "na fração do pão eucarístico, participando nós realmente no Corpo do Senhor, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós: 'Visto que há um só pão, nós, embora muitos, formamos um só corpo, nós todos que participamos dum mesmo pão' (*1Cor* 10,17)" (*LG* 7b).<sup>21</sup>

<sup>20</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da Liturgia*, 65; cf. *Hb* 12,22-25.

<sup>21</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*, 1992, n. 5. "Na Eucaristia, os fiéis alimentam-se do *Corpo de Cristo ressuscitado*. O Senhor ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, ultrapassa as

João Paulo II ensina: “A Eucaristia é tensão para a meta, antegozo da alegria plena prometida por Cristo (cf. *Jo* 15,11); de certa forma, é *antecipação* do Paraíso, ‘penhor da futura glória’ (Antífona do Magnificat nas II Vésperas da Solenidade do Corpus Christi).”<sup>22</sup>

Enfim devemos tomar a sério o que Jesus mesmo solenemente

lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos. *Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna*; e Eu o ressuscitarei no último dia. (*Jo* 6,53-54)

Transcrito isto em termos teológicos de hoje, seria isto: “A Igreja é construída na Eucaristia; de fato, *a Igreja é a Eucaristia. Receber a Comunhão significa tornar-se Igreja*, porque *isto* significa *tornar-se um Corpo* com Ele.”<sup>23</sup>

“O sacramento fundamental é o *batismo*, mas a Eucaristia é o sacramento de conclusão perfeita da Incorporação em Cristo.”<sup>24</sup> Isto se vê no fato que a Igreja administra aos adultos os três sacramentos da iniciação juntos. Segundo Santo Tomás, todos os sacramentos, e não só o batismo e a crisma são ordenados à Eucaristia como ao seu fim.<sup>25</sup>

É certo que lemos na Carta aos Hebreus: “Para se chegar a (Deus) é necessário que se creia primeiro que Ele existe e que recompensa os que o procuram” (11,6; cf. *Jo* 3,36), e segundo São Marcos, Jesus disse:

dimensões do espaço e do tempo, e está realmente presente sob as espécies do pão e do vinho em cada celebração eucarística do mundo inteiro. Trata-se, portanto, do corpo do Senhor glorificado, transformado, pão dos anjos e de todos os homens chamados a partilhar da visão beatífica, na comunhão dos santos, na adoração eterna de Deus Uno e Trino” (*A Eucaristia: Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja - Instrumentum Laboris* do Sínodo dos Bispos de 2005, n. 60).

<sup>22</sup> *EdE* 18. “Desta grande esperança, a dos céus novos e da terra nova nos quais habitará a justiça (cf. *2Pe* 3,13), não temos penhor mais seguro, sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, toda vez que é celebrado este mistério, ‘opera-se a obra da nossa redenção’ (*LG* 3) e nós ‘partimos um mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto não para a morte, mas para a vida eterna em Jesus Cristo’ (Sto. INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Eph.*, 20,2)” (*Cat* 1405).

<sup>23</sup> J. Card. RATZINGER, *Eucharist and Mission*, em: ID., *Pilgrim Fellowship of Faith. The Church as Communion*, Ignatius Press, San Francisco 2005 (orig. alemão: *Weg-Gemeinschaft des Glaubens*, St. Ulrich Verlag, Augsburg 2002), 103.

<sup>24</sup> JÜRGENSMEIER, 220.

<sup>25</sup> “A Eucaristia é quase a consumação da vida espiritual e o fim de todos os sacramentos” (S. TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 73, a. 3; cf. *ibid.*, q. 65, 3c.)

“Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado” (*Mc* 16,16). Seguindo esta lógica se pode dizer: como ninguém dos que sabem do batismo podem recusá-lo e esperar entrar no céu pela promessa na carta aos Hebreus, assim tampouco se salvará alguém se apoiando no seu batismo quando tinha conhecimento de Jesus Eucarístico e O recusou.

Então se deve afirmar: *o Senhor Jesus Cristo Eucarístico é o construtor da Igreja desde o início até à sua consumação final no céu.*<sup>26</sup>

Jesus Cristo é Senhor: possui todo poder nos céus e na terra. Está “acima de toda autoridade, poder, potentado e soberania”, pois o Pai “tudo submeteu a seus pés” (*Ef* 1,20-22). Cristo é o Senhor do cosmo (cf. *Ef* 4,10; *1Cor* 15,24,27-28) e da história. Nele, a história do homem e mesmo toda a criação encontram sua “recapitulação” (cf. *Ef* 1,10), sua consumação transcendente. (*Cat* 668)

#### **d) A água do lado direito do templo cresceu**

Há várias *imagens deste dinamismo histórico salvífico* que ajudam a entender esta presença causal da “graça e vida” de Cristo neste mundo, Sua presença unificante transformando em “Igreja”, isto é “‘convocação’ dos homens em Cristo”.

Para entender o caminho descendente do Filho de Deus, pode ajudar a visão do profeta Ezequiel. Ele viu “que águas jorravam de sob o limiar do edifício, em direção ao oriente. [...] Essa água escorria por baixo do lado direito do templo [...]” A água cresceu até que

---

<sup>26</sup> “*Res sacramenti est unitas corporis mystici, sine qua non potest esse salus: nulli enim patet aditus salutis extra Ecclesiam, sicut nec in diluvio absque arca Noe, quae significat Ecclesiam ut habetur I Ptr. 3,20-21.*” (S. TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 73, a. 3). Escreve Alois Winklhofer: “Não podemos sobreestimar o significado da Eucaristia [...] para a formação da Igreja como Corpo” (*Über die Kirche. Das Geheimnis Christi in der Welt*, Knecht Verlag, Frankfurt 1963, 155). - Apesar de falar do “Cristo total”, que é a humanidade reunida “*em Cristo*” (expressão paulina repetida 164 vezes) e vivificada no Seu Espírito, apesar de dar atenção à Igreja como “‘Corpo’ não simplesmente moral” (cf. E. ZOFFOLI, *La vera Chiesa di Cristo*, Roma 1990, 190-198), apesar de dizer que a “união de todos os cristãos não é uma simples realidade social, mas ontológica” e de uma “comunhão com o Pai através da inserção no Cristo” (ATENAGORA DELLO SPIRITO SANTO, *La Comunione col Padre nel Figlio*, em: *Gesù Cristo Mistero e Presença*, 117-145, 144s; para mais cf. MONDIN, *As novas ecclesiologias*), se contenta com a atribuição da “alma vivificante” ao Espírito Santo sem procurar mais profunda e concretamente de onde vem e como se conserva a vida, sem procurar incorporar mais sinceramente o fato do mistério eucarístico e do Sangue de Cristo correndo do Seu lado aberto, ao qual São Paulo tão frequentemente se refere.

era uma torrente que [o profeta] não podia atravessar. [...] Essas águas [...] se lançarão no mar, de sorte que suas águas se tornarão mais saudáveis. [...] Tudo o que essa água atingir se tornará são e saudável [...] porque essas águas vêm do santuário. Seus frutos serão comestíveis e suas folhas servirão de remédio (*Ez 47,1-12*).

Esta visão era sempre relacionada com o Coração aberto de Jesus na Cruz, de onde nasceu a Igreja, correram “sangue e água”, os sacramentos da Eucaristia e do Batismo. *A Igreja é aquela parte da criação que já ficou tocada por Cristo e transformada*, feita participante na Sua vida divina. Podemos, nesta imagem, unir as nossas “três verdades”, a identidade de Cristo, Eucaristia e Igreja, e compreender Mondin referindo-se aos pensamentos do Cardeal Ratzinger, que “*a Igreja é, na realidade, uma comunidade eucarística e esta é sua forma específica constitucional*”<sup>27</sup>. *O Cristo corre*, desde o cumprimento do Seu sacrifício na Cruz, *no Seu Sangue Eucarístico*, como a água do lado do templo na visão de Ezequiel, *para dentro da criação*. Aonde Ihe é permitido correr ou onde é acolhido, aí toca e transforma com poder salutar, destinado a formar quase um novo dilúvio, cobrindo toda a criação e a deixar nascer totalmente renovada. *A Igreja é como o leito do rio da graça*, sempre unido com a água, pois esta não corre onde não encontra um leito e do leito só se fala onde há a corrente de água.

A Igreja é então como Maria, acolhedora e portadora do Filho de Deus. E como Maria, com o seu “*Fiat*”, fez possível a encarnação, assim a Igreja faz o Cristo Eucarístico presente pela celebração obediente ao rito eucarístico.<sup>28</sup> “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz

---

<sup>27</sup> B. MONDIN, 178. “A atitude religiosa diante da Comunhão e diante da Igreja unem-se: aquele único pão faz de nós um corpo; *a Igreja é simplesmente aquela união criada pela Comunhão eucarística*, a união dos muitos no e pelo Cristo único” (J. Card. RATZINGER, *Pilgrim Fellowship of Faith. The Church as Communion*, 104).

<sup>28</sup> Cf. *EdE* 53-58; *MnD* 18; explica o então Cardeal Ratzinger: “Podemos dizer: Kirche ist geworden – a Igreja veio a ser quando o Senhor deu, sob as espécies de pão e vinho, o Seu Corpo e o Seu Sangue e disse depois: Fazei isto em memória de Mim. Isto significa: a Igreja é resposta a esta ordem, a um poder e sua responsabilidade. A Igreja é Eucaristia. Isto inclui que ela venha da morte e ressurreição, pois a palavra do corpo entregue teria ficado uma palavra vazia, se não tivesse sido antecipação da doação real na Cruz. [...] Mas podemos sentir do contexto total do Novo Testamento uma segunda resposta que se concentrou no nome da Igreja - *ecclesia* - : Igreja é assembléia e purificação, para Deus, dos homens de todos os quatro ventos. Ambas as respostas descrevem a essência da igreja. [...] Os Padres da Igreja reuniram estes dois aspectos – eucaristia e assembléia – na palavra

e Me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, Eu com ele e ele comigo” (Ap 3,20).

Consideramos até aqui a “Comunhão eucarística” como elemento constitutivo da Igreja, devido ao mistério da presença viva e permanente do Cristo divino, encarnado e imolado na Sua busca de re-unificação das criaturas consigo.

Escreve Jürgensmeier:

A missão, que gera do seio do Eterno Pai o Logos e O deixa descer ao seio da humanidade na natureza humana de Cristo, encontra a sua conclusão na união eucarística de Cristo com a alma individual. Ela forma onticamente o “Cristo-homem”, um “Deus-homem”. Interiormente, este “Cristo-homem” deve, necessariamente, tender a voltar ao primeiro ponto de origem, ao seio do Pai.<sup>29</sup>

## II. A perfeita comunhão eclesial - “Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro” (Ap 19,9)

Deve interessar-nos não só a união entre Igreja e Cristo pela Eucaristia, mas a “perfeita comunhão eclesial”. Para isto pode servir-nos uma outra imagem, a da *parábola da semente de mostarda*. Esta mostra o mesmo dinamismo que já observamos. Porém, enquanto *atrai todos os elementos de baixo e assim cresce para cima, indica mais o lado da Igreja* ou a incorporação das criaturas em Cristo. Falamos, conforme o Catecismo visto no início, da “Igreja (como) a finalidade de todas as coisas” (Cat 760).

---

comunhão que hoje é de novo bem acolhida: Igreja é comunhão; é comunhão da palavra e do corpo de Cristo e assim comunhão dos homens entre si” (J. Card. RATZINGER, *Zur Gemeinschaft gerufen. Kirche heute verstehen*, Herder, Freiburg 1991, 70s; cf. 72-89: “Eclesiologia eucarística...”; para o Cristo como a “Personalidade universal” cf. THANNER, *Was bedeutet die “Anakephalaiosis” ...?*, 56-57 e 60-61).

<sup>29</sup> JÜRGENSMEIER, 236; “Em base da incorporação em Cristo e da participação no sacrifício em conformação ao espírito de sacrifício com Cristo no sacrifício eucarístico, toda a vida ascética torna-se participação na oblação sacerdotal de Cristo (IPd 2,5). Pode-se falar de uma nova, maravilhosa transubstanciação: ‘A transubstanciação do pão no Corpo de Cristo efetua uma transformação sobrenatural do Corpo místico de Cristo por Ele se assemelhar à sua cabeça’ (SCHEEBEN, *Die Mysterien des Christentums*, p. 430; cf. § 72). [...] Na união eucarística, Cristo implanta-nos ao Seu corpo numa união maximamente real, para que sejamos transformados em um corpo com Ele. Nesta transubstanciação complementa-se a nossa incorporação. [...] Cristo eleva o membro na Santa Comunhão à

“O Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja’ (LG 3), ‘germe e início deste Reino na terra’ (LG 5)” (Cat 669). Este “Reino dos céus é comparado a um grão de mostarda que um homem toma e semeia em seu campo. É esta a menor de todas as sementes, mas, quando cresce, torna-se um arbusto maior que todas as hortaliças, de sorte que os pássaros vêm aninhar-se em seus ramos.”<sup>30</sup> Esta planta indica a “árvore do mundo”, repetidamente referida no Antigo Testamento, que oferece “proteção a todos os animais e povos”<sup>31</sup>.

---

união mais alta, real, consigo, a ‘um corpo e um só espírito’, Ele forma numa transubstanciação maravilhosa o novo “Cristo-homem”, para que, como um verdadeiro ‘super-homem’ numa ‘vida de Cristo’, não vive mais a si mesmo como homem, mas que Cristo seja ‘tudo’ (Cl 3,11) em todo o seu agir, e todo o esforço ascético seja uma parte da ἀνακεφαλαιώσις τῶν πάντων ἐν Χριστῷ (Ef 1,10)” (ibid., 235).

<sup>30</sup> Mt 13,31-32. Esta parábola permite quatro observações:

1) No Reino de Deus há um crescimento como o de uma semente, *um princípio de vida interna*.

2) A vida e o crescimento inclui a incorporação ou assimilação de *todos os quatro elementos primitivos* do mundo inorgânico, a terra e a água de baixo, o ar e a luz do fogo de cima.

3) A parábola menciona “os pássaros” de cima, que pode fazer-nos pensar nos *anjos celestes*. Todos os Sinóticos transmitem esta palavra de Jesus, cf. Mc 4,32 e Lc 13,19; os pássaros são mencionados pelo próprio Jesus como animais naturais (cf Mt 6,26 ou 8,20), mas também como símbolos dos anjos caídos (Mt 13,4 e 19; cf. Lc 8,5 e 12); em outros lugares são mencionados com valor simbólico positivo, por exemplo, a pomba como símbolo do Espírito Santo (cf. Mt 3,16) ou a águia como símbolo de um dos seres vivos (cf. Ap 4,7).

4) Por fim, o *processo da assimilação e unificação* passa por duplo processo, primeiro a *destruição* do primeiro e depois a *incorporação* ao segundo. Isto corresponde ao que acontece em cada sacrifício, e marca também a comunhão com a Eucaristia: Somente pode receber a Eucaristia quem está preparado pela devida abnegação da vida de pecado e pela aceitação da verdade revelada, ou em termos teológicos bíblicos: Todos serão incorporados pela Cruz (cf. Antonio PIOLANTI, *Il Mistero Eucaristico*, Ed. Vaticana, Roma <sup>3</sup>1983, 541-546; “*Eucharistia est sacramentum passionis Christi prout homo perficitur in unione ad Christum passum*” (S. TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 73, a. 3 ad 3).

<sup>31</sup> J. GNILKA, *Das Matthäusevangelium*, Freiburg 2001, 495, com referências a Ez 17,23; 31,6; Dn 4,21; a identificação do Senhor com a *videira* (cf. Jo 15,1-8) leva a semelhante idéia de união, porém, com o *acento na qualidade*. - Bem semelhante, mas da própria boca de Jesus e referindo a Si mesmo é Sua comparação com a *videira*, a planta da qual será tomada a matéria do vinho para a Eucaristia. Nesta comparação, Jesus olha mais ao aspecto qualitativo e explica particularmente a *necessidade da purificação* para poder participar na Sua vida. “Sem mim nada podeis fazer [...]. Se permanecerdes em mim, [...] pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito” (Jo 15,5.7). Mas no fundo indica a mesma realidade e, assim, a identidade de Cristo e da Igreja (ou do Reino).



Um olhar nem muito perspicaz à Sagrada Escritura, indica logo quanto *todas as criaturas* esperam para serem alcançadas pelo toque salutar das águas vivas e para poderem crescer na vida em Cristo. São Paulo escreve aos Romanos:

A criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. [...] *Toda a criação geme e sofre* como que dores de parto até o presente dia. Não só ela, mas *também nós – os homens –*, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo.<sup>32</sup>

São Pedro conhece uma tal expectativa até entre os Anjos: ele fala de “revelações que agora vos têm sido anunciadas por aqueles que vos pregaram o Evangelho da parte do Espírito Santo [...]. Revelações estas, que *os próprios anjos desejam contemplar*” (1Pd 1,12).

A resposta está em Cristo Eucarístico, como escreve João Paulo II:

Na Eucaristia, “mais do que em qualquer outro sacramento, o mistério [da comunhão] é tão perfeito que conduz ao apogeu de todos os bens: nela está o termo último de todo o desejo humano, porque nela alcançamos Deus e Deus une-Se conosco pela união mais perfeita” (NICOLAU CABASILAS, *A vida em Cristo*, IV, 10). (EdE 34)

Que no fim “*Deus seja tudo em todos*”<sup>33</sup>, inclui duas dimensões: “Tudo” se refere à transformação qualitativa e a expressão “em todos” quer quantitativamente abranger tudo o que foi criado, tudo o que existe.

*No aspecto qualitativo ou formal* pode-se distinguir a parte objetiva, ou seja, a de Jesus e da Igreja, e a parte subjetiva, ou seja, a dos membros, considerando *as condições* e as necessárias mudanças ou a conversão e *conformação a Cristo imolado na Cruz*, como também os efeitos e frutos.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> Rm 8,19-23; cf. sobre os homens também na segunda carta aos Coríntios: “Suspiramos e [...], enquanto permanecemos nesta tenda, gememos oprimidos: desejamos ser não despojados, mas revestidos com uma veste nova [...]” (2Cor 1-10).

<sup>33</sup> “O último inimigo a derrotar será a morte, porque Deus sujeitou tudo debaixo dos Seus pés. Mas, quando Ele disser que tudo Lhe está sujeito, claro é que se excetua aquele que Lhe sujeitou todas as coisas. E, quando tudo Lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem Àquele que Lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos – , tudo em todos – , ἵνα ἧ ὁ θεὸς [τὰ] πάντα ἐν πάσιν” (1Cor 15,26-28; cf. *Cat* 294).

<sup>34</sup> Há uma dimensão invisível e uma dimensão visível: “invisível” a respeito das exigências espirituais, como o batismo e o estado de graça (cf. *EdE* 36-37); “visível” a respeito da aceitação da Igreja e de “toda a sua organização e os meios de salvação nela instituídos”,

*No aspecto quantitativo e material* pode-se também distinguir vários pontos.

Não precisamos tanto referir-nos à doação de Cristo, pois a Igreja ensina: “Cristo está presente inteiro em cada uma das espécies e inteiro em cada uma das partes delas, de maneira que a fração do pão não divide o Cristo<sup>35</sup>” (*Cat* 1377).

O aspecto quantitativo, menos considerado, refere-se à Comunhão com todas as criaturas que leva à “Comunhão perfeita eclesial”. Não dizia Jesus aos apóstolos: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (*Mc* 16, 15; cf. *Cl* 1, 23), e que Ele será o “Pão da vida” e dará a Sua “carne pela vida do mundo – τοῦ κόσμου” (*Jo* 6,51)? O *cosmo* comportaria então *todos os homens, todo o mundo material* e o *inteiro mundo angélico*?<sup>36</sup>

Tentamos mostrar se, pelo “Pão eucarístico”, se realizará o que foi mencionado antes, ou seja, que “tudo foi criado por Cristo e para Ele [...] Ele é a Cabeça do corpo, da Igreja” (*Cl* 1,16.18).<sup>37</sup>

Dispensamo-nos de tratar da Comunhão do homem com o Senhor Eucarístico, pois disto tratam quase todos os que refletem sobre este tema.<sup>38</sup>

a “comunhão com o próprio *Bispo* e com o *Romano Pontífice*”, assim como a participação eucarística dominical (cf. *Ede* 38-41). Conclui o Papa João Paulo II dizendo: “Precisamente porque a unidade da Igreja, que a Eucaristia realiza por meio do sacrifício e da comunhão do corpo e sangue do Senhor, comporta a *exigência imprescindível* duma *completa comunhão* [...] o caminho para a plena união só pode ser construído na verdade” (*Ede* 44; cf. todo o 4º capítulo, 34-46).

<sup>35</sup> Cf. CONC. DE TRENTO, *DS* 1641.

<sup>36</sup> “Nos escritos joaninos a palavra ‘cosmos’ pode ter vários significados. Pode significar o mundo material (p. ex.: *Jo* 17,5; 17,24; 21,25), que foi criado pela palavra de Deus (cf. *Jo* 1,3.10). Pode significar também a humanidade em geral (p. ex.: *Jo* 1,9; 1,29; 3,17; 16,8). Enfim, significa também o mundo inimigo de Jesus: é a humanidade que O rejeita (p. ex.: *Jo* 1,10-11; 7,7; 8,23)” (P. SEEANNER, *Jesus, Rei e Testemunha da verdade (II)*, em: *Sapientia Crucis* 3 (2002) 5-30, 14).

<sup>37</sup> Santo Tomás, comentando esta afirmação de Jesus, insiste na mesma dimensão do Sacrifício na Cruz e do efeito da Eucaristia: “*Cum hoc sacramentum sit dominicae passionis, continet in se Christum passum: unde quidquid est effectus dominicae passionis, totum etiam est effectus huius sacramenti*” (*In Ioan.*, VI, 7; Marietti n. 963).

<sup>38</sup> Cf. *Cat* 1391-1405; “A Igreja e o mundo precisam muito do culto eucarístico [...] o tempo para ir encontrá-lo na adoração, na contemplação cheia de fé e aberta a reparar as faltas graves e os delitos do mundo” (*Cat* 1380); “A Eucaristia é ‘fonte e ápice de toda a

## 1. “A criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8,19)

O “reunir em Cristo todas as coisas” inclui o mundo material. Lembremo-nos primeiro que o mundo material foi *afetado pelo pecado* dos homens, e, quem sabe, talvez até já pelo pecado dos anjos. Deus disse a Adão: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, *maldita seja a terra por tua causa*” (Gn 3,17). Em conseqüência, como já indicamos na carta aos Romanos,

a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade (não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou), todavia com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação *geme* e sofre como que dores de parto até o presente dia. (Rm 8,19-22)

São Paulo não deixa dúvida nenhuma que, neste mundo material, deve ainda acontecer algo espiritual assim como a causa do defeito era de natureza espiritual, o pecado dos homens.

### a) A Encarnação do Filho de Deus e a transubstanciação na Eucaristia

Certamente temos *um primeiro contato restaurador* com o mundo material *na própria encarnação* do Filho de Deus. Ele é eternamente Deus com o Pai e o Espírito Santo, e uniu com a natureza divina a natureza humana, composta de alma e corpo, logo inclui essencialmente a matéria. Esta união é tão profunda, que nunca poderemos compreendê-la. É de tal modo definitiva que Jesus levou já uma parte deste mundo material para o céu.<sup>39</sup>

Um *segundo passo* nesta restauração ou, se quisermos, redenção deste mundo material por Cristo, o Deus feito homem, não foram tanto as mui-

---

vida cristã” (LG 11) [...] da vida eclesial” (Cat 1324); “A vida dos fiéis, seu louvor, seu sofrimento, sua oração, seu trabalho são unidos aos de Cristo” (Cat 1368). “A Eucaristia é um mistério de intimidade” (BENTO XVI, Homilia no dia 26 de maio de 2005, em: *L’Osservatore Romano* (ed. port.), 4 de junho de 2005, p. 3).

<sup>39</sup> “Cristo está sentado à direita do Pai: ‘Por direita do Pai entendemos a glória e a honra da divindade, onde Aquele que existia como Filho de Deus antes de todos os séculos como Deus e consubstancial ao Pai Se sentou *corporalmente* depois de encarnar-Se e de Sua carne ser glorificada’ (S. JOÃO DAMASCENO, *De fide orth.*, 4.2)” (Cat 663).

tas curas, mas *foi a transubstanciação do pão e vinho com água em Seu Corpo e Sangue*. Nisto, “definitivamente, o Senhor atraiu esse bocado de matéria, ela já não é nenhum dom material”<sup>40</sup>, é “eucaristizado” (cf. *Cat* 1355). É um ato qualitativo que, de novo, transcende a compreensão humana e até a angélica.

Duas são também as dimensões que podemos considerar: a incompreensível qualitativa e a quantitativa, pois esta transformação não foi feita apenas uma vez, mas é – pela vontade divina – repetida diariamente, prefigurada no “pão no deserto” e na “multiplicação dos pães” durante a Sua vida pública.

E como a primeira transformação era claramente limitada ao Corpo físico de Cristo humanado, assim há também aqui uma limitação clara: a matéria desta transubstanciação é bem circunscrita e determinada por Deus e pela Igreja: “O pão para celebrar a Eucaristia deve ser só de trigo e pão ázimo”, e “o vinho para celebrar a Eucaristia deve ser de uvas, fruto da videira (cf. *Lc* 22,18), natural e puro, quer dizer, sem qualquer mistura de substâncias estranhas”<sup>41</sup>.

## b) O corpo humano

Surge, então, a pergunta: qual é a intenção de Deus com este milagre tantas vezes repetido. Será uma indicação e um início de um processo crescente?

Podemos dizer que, quantitativamente, tudo é orientado para a Igreja e para a Jerusalém celeste, conforme a definição do Catecismo. Depois das matérias do próprio sacramento, o pão e o vinho, podem-se ainda *distinguir três graus de intensidade* na aproximação a Jesus Eucarístico: o *corpo humano que comunga* o Corpo de Cristo, todos os *instrumentos, objetos ou materiais abençoados* pelo uso litúrgico, e o *resto da criação material*.

*O Corpo humano entra na Santa Comunhão em contato direto* com o Corpo sacramental de Cristo. Isto não leva a uma Sua transubstanciação física igual à do pão e vinho na celebração eucarística, mas tampouco o deixa indiferente. Santo Tomás não hesita em citar, das *Confissões* de Santo Agostinho (livro 7, 10), uma sua experiência mística com Cristo:

---

<sup>40</sup> J. C. RATZINGER, *Introdução ao espírito da Liturgia*, 65.

<sup>41</sup> *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, <sup>3</sup>2004, nn. 320 e 322.

“Diz que ouviu a voz de Cristo falando: ‘Nem tu Me mudarás em ti, como se fosse Eu o alimento do teu corpo, mas tu é que te mudarás em Mim.’”<sup>42</sup>

Certamente, isto se poderia tratar extensamente. No entanto, contentamo-nos no momento com estas luzes: Pela união sacramental com o Corpo de Cristo

- o *corpo do comungante* foi sustentado sem alimentos naturais por muito tempo como o de Santa Catarina de Sena, de São Nicolau de Flüe ou de Teresa Neumann e o de muitos outros;
- os *sentidos do corpo* do comungante podem ser estimulados;<sup>43</sup>
- este é como um *remédio para males do corpo* do comungante;<sup>44</sup>
- principalmente e para todos, segundo a explicação dada a Santo Agostinho, *começa a nossa transfiguração*. Na história se conhece, de muitas santas pessoas, que os seus corpos permaneceram ou ainda permanecem *incorruptos*.<sup>45</sup> A nossa fé nos ensina a ressurreição da nossa carne depois do juízo final.<sup>46</sup> A

<sup>42</sup> S. TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 73, a. 3 ad 2. Não é preciso estranharmos isto, pois é igual em toda a criação: a criatura mais perfeita assimila e se incorpora as criaturas inferiores das quais se alimenta e se sustenta. As plantas assimilam os minerais e a água, e os animais as plantas, e os homens as plantas e animais; de modo que, logicamente, nós pela Santa Comunhão com Cristo seremos incorporados nele!

<sup>43</sup> Cf. São JOÃO DA CRUZ, *Noite Escura*, I, 4.1-2; esta é também a razão por que muitas experiências místicas são recebidas junto com a Santa Comunhão eucarística.

<sup>44</sup> Santa Teresa de Ávila escreve: “¿Pensais que no es mantenimiento aun para estos cuerpos este santísimo manjar, y gran medicina aun para los males corporales? Yo sé que lo es...” (*Camino de Perfección*, 34, 6).

<sup>45</sup> Joan Carroll Cruz enumera, desde o século II até o século XIX 102 Santos e Beatos da Igreja cujo corpo é incorrupto (cf. *id.*, *The Incorruptibles*, Rockford, Il. 1977).

<sup>46</sup> No *Catecismo* universal (cf. n. 999), a Igreja responde à pergunta “*De que maneira* (os mortos ressuscitam)? Cristo ressuscitou com seu próprio corpo: ‘Vede as Minhas mãos e os Meus pés: sou Eu!’ (Lc 24,39). Mas Ele não voltou a uma vida terrestre. Da mesma forma, nele ‘todos ressuscitarão com seu próprio corpo, que têm agora’ (CONC. DO LATRÃO IV (1215): DS 801); porém, este corpo será ‘transfigurado em corpo de glória’ (Fl 3,21), em ‘corpo espiritual’ (1Cor 15,44)”. Apesar do fato de que esta promessa não é o motivo principal, é interessante que a Igreja recomenda a recepção do Corpo Eucarístico de Cristo como última graça antes da morte: “Se as circunstâncias o permitirem, a celebração do sacramento (da unção dos enfermos) pode ser precedida pelo sacramento da Penitência e seguida pelo sacramento da Eucaristia. *Como sacramento da Páscoa de Cristo, a Eucaristia deveria sempre ser o último sacramento da peregrinação terrestre, o ‘viático’ para a ‘passagem’ à vida eterna*” (Cat 1517).

Igreja relaciona isto com a Santa Comunhão com Jesus Eucarístico. Lemos no Catecismo:

Nossa participação na Eucaristia, no entanto, já nos dá um antegozo da transfiguração de nosso corpo por Cristo: “Assim como o pão que vem da terra, depois de ter recebido a invocação de Deus, não é mais pão comum, mas Eucaristia, constituída por duas realidades, uma terrestre e a outra celeste, da mesma forma os nossos corpos que participam da Eucaristia não são mais corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição”<sup>47</sup>. (Cat 1000)<sup>48</sup>

### c) Objetos ou materiais abençoados

Conhecemos muitos *objetos materiais que a Igreja abençoa para o uso litúrgico* ou para a celebração da Santíssima Eucaristia.

Quantas coisas do mundo material foram usadas na Antiga Aliança na construção do Templo (cf. *IRs* 6-7) e na sua liturgia, e servem, até o dia de hoje, no culto da Igreja: pedras e madeira pelos edifícios sacros; pedras preciosas e metais para os cálices; cera e óleo para as velas diante do Santíssimo; carvão, fogo e incenso, flores, tecidos e vestes, até os “corporais” e “sanguíneos” que recebem o seu nome do Corpo e Sangue de Cristo, porque têm a honra de acolhê-l’O, etc.. Com tudo isto o homem quis contribuir para a Santidade da Casa de Deus conduzindo todos estes materiais ao Santíssimo Sacramento!

A Igreja prescreve a escolha do material mais precioso para os instrumentos litúrgicos e a bênção sobre estes materiais para os retirar do uso comum ou profano e para os santificar para o serviço do próprio Senhor Divino Eucarístico.<sup>49</sup> Na exigida escolha do material mais nobre, na elaboração artística mais bela, vê-se já uma forma de elevação, transformação, uma purificação e santificação do mundo material que, depois, culmina naquela oferta de pão e vinho para serem transubstanciados no Corpo e Sangue de Cristo.

---

<sup>47</sup> S. IRENEO, *Adv. Haeres.*, 4,18,4-5.

<sup>48</sup> O Santo Cura de Ars perguntou uma vez os seus paroquianos: “Por que Lázaro foi ressuscitado da morte?” A resposta que ele mesmo deu na homilia foi esta: “Porque ele tinha recebido nosso Senhor muitas vezes na sua casa!” e “quão sinceramente devo confiar que Vosso bendito Corpo, entrando no meu, o ressuscitará da corrupção na plenitude dos tempos” (H. CONVERT, *Eucharistic Meditations. Extracts from the Writings and Instructions of Saint John Vianney*, Trabuco Canyon, Ca. <sup>5</sup>1993, 72 e 74).

<sup>49</sup> Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, quinto e sexto capítulo, 3ª ed., nn. 288-351.

Toda a cultura cristã - ou até a cultura humana - nos últimos dois milênios deve uma grande parte do seu desenvolvimento ao mistério Eucarístico. O homem cristão desenvolveu a arquitetura e pintura, a poesia e música até à sua maior perfeição em serviço do Senhor Eucarístico (cf. *EdE* 49).

Aqui se pode usar a analogia com o homem que comunga o próprio Corpo de Cristo: como somente o homem santificado pelo batismo (e pela santa confissão) pode aproximar-se da Sagrada Comunhão, assim também somente pode-se levar ao templo sagrado uma arte já devidamente purificada, harmônica, digna e sacra ou santa, como e porque o Senhor Eucarístico é Sacrossanto.

O mesmo vale para o próprio *corpo* do homem que comunga: A santificação do próprio corpo pela Comunhão exige do cristão, na sua vida *exterior*, ordem e limpeza, harmonia e beleza, no seu vestir como na sua habitação, no seu falar e pensar, em toda a sua vida exterior e no contato com todo este mundo material.<sup>50</sup> Tal esforço, por motivo de sua vida eucarística, é uma outra forma de deixar participar toda esta criação que geme e sofre na santificação e “gloriosa liberdade” que nós recebemos pelo Senhor Eucarístico.

#### **d) O resto deste mundo**

Assim pode-se entender que também todo o resto da criação material seja destinado a ser aproximado ao Senhor Eucarístico, pela santificação “de objetos e lugares” (*Cat* 1671), através das orações, *bênçãos e sacramentais da Igreja*.<sup>51</sup>

Aqui vale lembrar e entender bem a promessa de Deus a Josué e ao povo eleito no seu caminho entrando na terra prometida, símbolo da união com Deus: “Todo lugar que pisar a planta de vossos pés, Eu vo-lo dou, como prometi a Moisés” (*Js* 1,3). Hoje chamamos esta região “Terra Santa” porque o Senhor pisou sobre ela. Facilmente pode cada cristão

---

<sup>50</sup> Vale a pena lembrar aqui a “Carta apostólica *Novo Millennio ineunte*” (2001) com o programa para o novo milênio. João Paulo II disse: “Não hesito em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a *santidade*” (n. 30).

<sup>51</sup> Cf. *Cat* 1667-1679; CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ, *Zukunft der Schöpfung - Zukunft der Menschheit*, (Die deutschen Bischöfe 28), editado pelo secretariado da Conferência episcopal alemã, Bonn 1980, p. 21 o subtítulo *Sinnbild Eucharistie*; J. K. HÖFFNER, *Mensch und Natur im technischen Zeitalter*, *ibid.* 22-45.

compreender, consciente da presença de Cristo em si pela Comunhão eucarística, que sai da Santa Missa como missionário do Divino Amor, sabendo e confiando que todo o mundo material o espera ansiosamente. Cabe a ele de santificar toda a terra sobre a qual anda, andando sempre em espírito missionário-eucarístico, rezando e abençoando como insiste São Pedro: “Abençoai, pois para isto fostes chamados, para que sejais herdeiros da bênção” (1Pd 3,9). O Papa Bento XVI formulou isto muito bem na passada Solenidade do *Corpus Christi*:

Neste Sacramento, *o Senhor está sempre a caminho no mundo*. Este aspecto universal da presença eucarística sobressai na procissão da nossa festa. Nós levamos Cristo, presente na figura do pão, pelas estradas da nossa cidade. *Nós confiamos estas estradas, estas casas – a nossa vida quotidiana – à sua bondade*. Que as nossas estradas sejam de Jesus! Que as nossas casas sejam para Ele e com Ele! A nossa vida de todos os dias estejam penetradas da Sua presença. Com este gesto, colocamos sob o Seu olhar os sofrimentos dos doentes, a solidão dos jovens e dos idosos, as tentações, os receios – toda a nossa vida. A procissão pretende ser uma bênção grande e pública para a nossa cidade: Cristo é, em pessoa, a bênção divina para o mundo – o raio da Sua bênção abranja todos nós!<sup>52</sup>

Pode-se afirmar: tudo tende para o Santo, tudo tende para o Senhor Eucarístico, como do outro lado, a água e o sangue do lado de Cristo correm ao encontro desse tudo, crescendo sempre mais e santificando-o, e o homem torna-se, semelhante a Adão no paraíso, o “sacerdote deste mundo”, o mediador.<sup>53</sup>

Não sabemos como o Senhor levará este mundo à transformação final. Certo é que o próprio Senhor Jesus mostrou aos apóstolos a matéria do Seu corpo transfigurado, transformou-a já na Sua ressurreição. Fez já algo semelhante com o corpo da Virgem Santíssima, primeiro pela própria comunhão física entre Mãe e Filho, depois, pela participação na Co-

---

<sup>52</sup> BENTO XVI, Homilia no 26 de maio de 2005, em: *L'Osservatore Romano* (ed. port.), 4 de junho de 2005, p. 3.

<sup>53</sup> Aqui se deveriam referir os muitos milagres durante a história da Igreja, nos quais todos os tipos de criaturas reagiram à presença real de Cristo na SS. Eucaristia: água e fogo, gafanhotos, burros e cavalos (veja os diversos livros sobre milagres Eucarísticos, como Manuel TRAVAL Y ROSET, *Milagres Eucarísticos*, Artpress, São Paulo 2004; *Os milagres eucarísticos*, em: A. GAMBARINI, *O milagre da Eucaristia para Você*, Ágape, São Paulo 2005, 103-135. *Milagres Eucarísticos*, em: *Pequeno Catecismo Eucarístico*, Ed. Serviço de Animação Eucarística Mariana, Anápolis 2004, 47-78; na língua alemã o de HAESELE, e em inglês os de Bob and Penny LORD e de Joan CRUZ).



munhão eucarística sacramental, e, enfim, na *assunção do seu corpo* com a alma *ao céu*.

São Pedro nos disse que

os céus e a terra que agora existem são guardados pela mesma palavra divina e reservados para o fogo no dia do juízo e da perdição dos ímpios. [...] Naquele dia os céus passarão com ruído, os elementos abrasados se dissolverão, e será consumida a terra com todas as obras que ela contém [...] se hão de dissolver os céus inflamados e se hão de fundir os elementos abrasados! (2Pd 3,7-12)

## **2. “Revelações estas, que os próprios Anjos desejam contemplar” (1Pd 1, 12)**

Passamos aos santos Anjos. Será que os santos Anjos e os anjos caídos dirigem o seu interesse somente para Cristo humanado e não para Cristo Eucarístico? Eles são todos de Cristo, e Cristo é um só e sempre o mesmo! Será que os santos Anjos não se interessam com aqueles que se alimentam com o seu pão, o “Pão dos Anjos”? E será que os anjos caídos se distanciam de nós a partir da primeira Comunhão, estes que andam ao nosso redor “como o leão que ruge, buscando a quem devorar” (1Pe 5,8) e que foram fazer guerra ao resto de sua descendência, isto é, a da mulher apocalíptica que é Maria e a Igreja, e “aos que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12,17)?

Por quatro motivos devemos entender também o mundo angélico relacionado ao Cristo Eucarístico:

- Primeiro, porque Cristo é sempre o seu Senhor, seja onde Ele estiver.
- Segundo, por se saber, da revelação divina, que eles foram confrontados, na sua prova, não só com o Seu plano da Encarnação, mas também com a Eucaristia.
- Terceiro, por se saber, também da revelação divina, que Deus os chama a participar na comunhão entre Ele e as almas.
- E, quarto, por raciocínio, baseando-se na lógica e harmonia do agir de Deus.

### **a) Cristo é sempre**

Devemos primeiro decididamente afirmar que Cristo é indiviso e um só: Ele é sempre o Filho Eterno do Pai, um só Deus com Ele e o Espírito Santo, na glória eterna celeste como na miséria de Sua condição humana

ou na aparente impotência sob as espécies eucarísticas. Como tal, Cristo é sempre o Senhor e Criador dos Anjos, a Quem eles são submissos incondicional e totalmente, seja onde Ele estiver, seja o que Ele lhes mande, seja como Ele se lhes manifeste.

Isto a Igreja clarificou ao ensinar que

Cristo é o centro do mundo angélico. São Seus os Anjos: “Quando o Filho do homem vier em sua glória com todos os seus Anjos [...]” (*Mt* 25,31). São Seus porque foram criados *por e para* Ele: “Pois foi n’Ele que foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Dominações, Principados, Potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele” (*Cl* 1,16). São Seus, mais ainda, porque Ele os fez mensageiros de Seu projeto de salvação. ‘Porventura não são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação?’ (*Hb* 1,14). (*Cat* 331)

Desde a Encarnação até a Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é cercada da adoração e do serviço dos Anjos. Quando Deus “introduziu o Primogênito no mundo, disse: ‘Adorem-no todos os Anjos de Deus’” (*Hb* 1,6). [...] Reconfortam-n’O na agonia (cf. *Lc* 22,43), embora tivesse podido ser salvo por eles da mão dos inimigos (cf. *Mt* 26,53). [...] Estarão presentes no retomo de Cristo, que eles anunciam, a serviço do juízo que o próprio Cristo pronunciará (cf. *Mt* 13,41; 25,31; *Lc* 12,8-9). (*Cat* 333)

Este Cristo é o seu “alimento” na contemplação celeste ou visão beatífica, Ele que na Eucaristia Se fez nosso alimento, como lemos nos Livros Sapienciais: “Foi com o alimento dos Anjos que alimentastes Vosso povo.”<sup>54</sup> É este mesmo Cristo que os Anjos adoram no céu como “Cordeiro imolado”<sup>55</sup>, que anunciaram na Sua Encarnação, reconfortaram na Sua paixão e a cujo banquete nupcial (como que eucarístico) nos convidaram e convidam ainda: “Ele me diz, então: Escreve: Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro.”<sup>56</sup> Por isso afirma

---

<sup>54</sup> *Sb* 16,20; cf. *Sl* 78,24s; *Cat* 1331.

<sup>55</sup> “Eu vi no meio do trono, dos quatro seres vivos e no meio dos anciãos um *Cordeiro* de pé, como que imolado. Tinha ele sete chifres e sete olhos (que são os sete Espíritos de Deus, enviados por toda a terra). Veio e recebeu o livro da mão direita do que se assentava no trono. Quando recebeu o livro, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um uma cítara e taças de ouro cheias de perfume (que são as orações dos santos). Cantavam um cântico novo, dizendo: Tu és digno [...]” (*Ap* 5,6-9).

<sup>56</sup> *Ap* 19,9; esta frase foi escolhida pela Igreja na atual liturgia eucarística para convidar os fiéis à Santa Comunhão. Cf. a terceira aparição do Anjo em Fátima e eventos semelhantes na vida dos Santos.

Santo Tomás que “o Corpo Místico da Igreja não é só formado por homens, mas também por Anjos”<sup>57</sup>

### b) Confrontado na sua prova com a Eucaristia

Agora, se o Cristo é para os Anjos um só, desde sempre e para sempre, então, Sua Encarnação e Sua forma de existência eucarística não deve ter sido e não deve ser-lhes hoje totalmente estranha. Ou olhando do seu ponto de vista: quando eles O aceitaram ou O rejeitaram, foi uma decisão total ou incondicional, de modo que o mistério eucarístico deve ter sido parte de sua decisão. A este respeito, o Catecismo ensina sobre a prova do Anjos: “A Escritura fala de um *pecado* desses Anjos (cf. *2Pd 2,4*). Esta ‘queda’ consiste na opção livre desses espíritos criados, que *rejeitaram radical e irrevogavelmente a Deus e seu Reino*” (*Cat 392*). Portanto, eles não decidiram apenas se aceitam ou se submetem a Deus ou não, mas também a respeito do Seu Reino, isto é, do Seu plano na história, ao qual pertence também a era da Igreja, na qual Cristo permanece eucaristicamente.

Além do objeto da prova, pode-se também determinar algo sobre a atitude subjetiva dos Anjos na prova. João Paulo II disse nas suas Catequeses sobre os Anjos: as palavras “Não Vos servirei – *Non serviam*” (*Jr 2,20*) “manifestam a radical e irreversível recusa a tomar parte na edificação do reino de Deus no mundo criado”<sup>58</sup>. Isto significa que os Anjos se dividiram diante da chamada a *servir*, como “o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em redenção por muitos” (*Mc 10,45*). Sensibilizados pela presença eucarística de Jesus, devemos completar esta descrição de Sua missão, pois, na Eucaristia, Jesus não só *serve como sacerdote* que oferece o sacrifício, mas também como *vítima e alimento* é oferecido (*servido*) a nós. E os Anjos estavam também diante desta decisão, o que nos ensina a parábola do Filho pródigo.

Segundo um Comentário de Santa Hildegarda de Bingen,<sup>59</sup> o pai dos dois filhos, na hora da volta do mais jovem, mandou matar “o novilho

<sup>57</sup> Santo TOMÁS, *Summa Theologiae* III, q. 8, a. 3.

<sup>58</sup> JOÃO PAULO II, *Criador dos Anjos, seres livres*, Audiência no 23 de julho de 1986, n. 5, em: F. AQUINO, *Os Anjos*, ed. Cléofas, Lorena - SP 2004, 88.

<sup>59</sup> Cf. *Liber Vitae Meritorum*, em: Heinrich SCHIPPERGES, *Die Welt der Engel bei Hildegard von Bingen*, Otto Müller Verlag, Salzburg 1963, 7-10.

gordo”: “Trazei também *o novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa.*” (*Lc 15,23*; cf. os versículos 27 e 30). Este novilho gordo, estranhamente indicado três vezes com o artigo definido, é o Seu Filho único, a quem *o Pai deu* para a festa da reconciliação e união, pois “de tal modo [...] amou o mundo” (*Jo 3,16*). O filho mais velho que, segundo Santa Hildegarda, é o Anjo, se irritou contra o Pai não tanto por ter perdoado, mas sim por ter matado “o novilho gordo” para a festa. “Encolerizou-se [...] e *não queria entrar*” e fazer parte do banquete festivo. Virou-se contra o Pai e, com isto, contra tudo e todos: “Nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. E agora, que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar o novilho gordo!” (*Lc 15,28-30*). Portanto, o Anjo *hesitou em unir-se com os homens na mesma mesa, preparada por Deus Pai, na qual é servida a carne do Filho imolado*; ou seja, aquilo mesmo que diariamente se renova, só que “de maneira incruenta” (*Cat 1367*), na celebração da Eucaristia: o derramamento do Sangue de Cristo na Cruz sobre o mundo e todas as criaturas.

O paralelismo entre todas as três parábolas sobre o perdão Divino do capítulo 15 do Evangelho de São Lucas: a do Bom Pastor com a ovelha perdida (cf. *Lc 15,3-7*), a da mulher com a moeda perdida (*Lc 15,8-10*) e a do Pai de dois filhos (cf. *Lc 15,11-32*) quase exige esta interpretação do filho mais velho como representante dos Anjos. Sem tal significado, faltaria nesta terceira, muito mais longa e explícita parábola a referência aos Anjos, que se encontra em ambas as duas primeiras parábolas: “Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.” E, de novo, “Digo-vos que haverá júbilo entre os Anjos de Deus por um só pecador que se arrependa” (*Lc 15,7 e 10*).

Esta parábola, então, não indicando no fim como o filho mais velho se decidiu diante do Pai, pode ser considerada uma descrição da prova dos Anjos, que tinha como objeto último a aceitação do Cristo Divino-humanado-eucarístico. São os bons e santos Anjos aqueles que disseram “Sim!” à vontade de Deus Pai e à humildade e ao amor sacrificial do Filho de Deus que Se faz alimento para os homens. São os mesmos que cantaram o seu júbilo quando o Filho de Deus nasceu e foi deitado na manjedoura no estábulo de Belém.

Portanto, o segundo motivo para o relacionamento do mundo angélico com Cristo Eucarístico encontra-se já na sua prova, na qual foram confrontados não só com o plano da Encarnação, mas também com o da

Eucaristia e se dividiram. O Catecismo observa: “*O primeiro anúncio da Eucaristia dividiu os discípulos*” (Cat 1336), e esta observação podemos e, sim, devemos completar: “dividiu os discípulos”, ontem e hoje, e os Anjos (cf. Cat 760)!

### c) Deus os chama a participar na comunhão entre Ele e as almas

Um terceiro motivo da união dos santos Anjos com Cristo Eucarístico é o fato que Deus os chama a participar na comunhão entre Ele e as almas.

1) *Este fato é velado* pela idéia que temos geralmente dos Anjos. Pensamos que os santos Anjos são já perfeitos e o seu grau de felicidade é já definitivamente fixado.

As primeiras duas parábolas de Lc 15, apenas vistas, contradizem tal idéia; elas falam de um “*maior júbilo*”, mas também de “um júbilo entre os Anjos de Deus” que talvez nem vão ter, a saber, quando o pecador não se converte.<sup>60</sup> De uma semelhante mudança na vida dos Anjos nos falam textos de São Pedro e Paulo, referindo-se ao “desejo” dos Anjos de contemplar as revelações do Novo Testamento (cf. *IPd* 1,12), ou ao “mistério oculto desde a eternidade em Deus, que tudo criou,” e que apenas “de ora em diante, as dominações e as potestades celestes podem conhecer, pela Igreja, [...] o desígnio eterno que Deus realizou em Jesus Cristo, nosso Senhor” (*Ef* 3,8-11). Que os Anjos ainda não alcançaram o seu último estado nos é dito também porque, num momento futuro, farão parte de uma unificação mais profunda de “todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” “em Cristo” (*Ef* 1,9-10), “ao preço do (Seu) próprio sangue na Cruz” (*Cl* 1,19).

*Isto é possível* apesar de que Cristo seja um só e para sempre, e apesar de eles terem já dito “Sim” ao reino de Deus na prova. Santo Tomás explica que, na prova dos Anjos, lhes foi mostrado, a respeito do plano de Deus, só o essencial, e o que era necessário para a sua decisão, mas não os detalhes da realização futura.<sup>61</sup> Isto permite que, para os Anjos, haja também um ontem e um amanhã, há a sua prova no início e vem depois a hora da Encarnação e, num outro momento, a instituição da Eucaristia, ou

---

<sup>60</sup> Cf. Santo TOMÁS, *Summa Theologiae* I, q. 62, a. 9; A. WINKLHOFER, *Das Kommen Seines Reiches. Von den Letzten Dingen*, Knecht Verlag, Frankfurt <sup>2</sup>1962, 340s.

<sup>61</sup> Cf. Santo TOMÁS, *Super epistolam ad Ephesios lectura*, I, 3; Marietti n. 28-29; III, 3; 161-162; *Super primam epistolam ad Timotheum lectura*, III, 3; 133; *Summa Theologiae* I, q. 57, a. 5 ad 1; q. 64, a. 1 ad 4.

seja, vem o Cristo Divino-Humanado e, depois, o Cristo Divino-Humanado-Eucarístico. É então possível que os Anjos viram o Cristo Eucarístico na prova como idéia ou projeto, mas só depois, no correr do desenvolvimento da história de salvação, serão chamados para observar ou experimentar mais de perto o mesmo Cristo Eucarístico.<sup>62</sup>

Com esta distinção de Santo Tomás pode-se ver que as afirmações dos Apóstolos, acima citadas, podem-se tornar realidade: reconciliação, renovação, unificação são possíveis e com isso a “perfeita comunhão eclesial” pela “Comunhão eucarística”, pelo Senhor, que como sacerdote prepara e como cordeiro-vítima é o banquete eucarístico.

2) *Mas quem disse que Deus realmente quer isto?* Encontramos a *presença dos Anjos* em muitos eventos do *Antigo Testamento* que nos indicam a Eucaristia: eles afastam os pecadores da árvore da vida (cf. *Gn* 3,24), acolhem a oferta de Abraão (cf. *Gn* 22,11-12), poupam como Destruidor as pessoas nas casas que são marcadas com o sangue do cordeiro (cf. *Ex* 12,23; *1Cor* 10,10; *Hb* 11,28) ou trazendo pão e água a Elias (cf. *IRs* 19,5-7). Eles foram enviados a anunciar a Encarnação do Filho de Deus a Maria Santíssima e a guiar os homens muitas vezes ao Senhor Eucarístico durante a longa história da Igreja.<sup>63</sup>

Mas, o que nos quer revelar o Senhor acerca dos santos Anjos quando fala dos “pássaros” que “vêm aninhar-se” nos ramos da árvore que representa o Reino de Deus? Será que quer apenas dizer que os santos Anjos são chamados como servos da mesa eucarística, assim como são enviados “para chamar os convidados” (*Mt* 22,3; cf. 24,31)? E quando a Igreja

---

<sup>62</sup> Por exemplo, São Josemaria Escrivá acreditou que Deus ordena aos Anjos que guardem a Jesus Eucarístico nos Sacrários. Ele convida no seu livro “Caminho” a rezar assim: “*Ó Espíritos Angélicos que guardais os nossos tabernáculos, onde repousa o tesouro adorável da Sagrada Eucaristia, defendei Jesus das profanações e conservai-O para nosso amor.*” (*Caminho*, n. 569). - A tarefa de ser Anjo da Guarda de um fiel individual deve ter nisso um papel especial, enquanto liga o Anjo ao espaço e tempo do seu protegido pela duração de sua vida! Pe. Abílio Gomes Correia (faleceu em fama de santidade em 29 de junho de 1967 em Braga, Portugal) ao fazer a Comunhão espiritual se dirigia ao Seu Anjo da Guarda nestes termos: “Ó meu querido Anjo, ide, eu vo-lo rogo, onde repousa o meu Jesus, dizei a esse Divino Salvador que O adoro e amo com todo o coração; convidai esse Divino Prisioneiro do amor a vir ao meu coração e a fixar nele a sua morada [...]” (F. LEITE, *Apóstolo da Eucaristia (O Cura de Ars Portugues)*. P. Abílio Gomes Correia, Edit. AO, Braga 1997, 79).

<sup>63</sup> Como exemplo seja mencionado o Anjo em Fátima na sua última aparição e o Serafim que levou a Santa Comunhão a Santa Faustina (cf. *Diário*, n. 1676).

quer, em cada celebração da Eucaristia, associar-se aos Anjos e a seus louvores celestes, de modo que “com os Anjos e Arcanjos, com os Tronos e as Dominações e toda a milícia celeste, erguemos um hino à Vossa glória” (*Missal Romano*, Prefácio da SS. Eucaristia II; cf. *Cat* 335), consciente da união entre a comunhão dos Santos no Céu e os da terra (cf. *Cat* 1138 e 1370), qual é o seu significado?<sup>64</sup>

A intenção do Pai parece clara: Ele chamou o filho mais velho e o filho mais novo, o Anjo e o homem, à mesma mesa de Jesus eucarístico, se aceitamos a interpretação sugerida por Santa Hildegarda.

E *Jesus* mesmo, no fim da Sua missão e como quase último desejo, pediu primeiro ao Pai que “todos sejam um, assim como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que Tu Me enviaste” (*Jo* 17,21). Com “todos” não pensou apenas nos apóstolos presentes, pois dizia imediatamente antes: “Não rogo somente para eles mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em Mim” (*Jo* 17,20). “Todos” então são os que acreditam em Jesus e serão unidos na fé, os homens de fé e os seus santos Anjos companheiros, com os quais formam uma só sociedade.<sup>65</sup> Jesus rezou assim na última ceia, isto é, precisamente depois da instituição do sacramento da Eucaristia, como que querendo expressar que tal união de todos deveria ser um dos frutos da Comunhão eucarística.

Num segundo momento, logo depois da Ressurreição, parece que Jesus quer ilustrar a Sua intenção aos apóstolos. Jesus encontrou-Se com eles “junto ao lago de Tiberíades”, onde realizou antes as multiplicações dos pães.<sup>66</sup> Ele lhes perguntou, “tendes acaso alguma coisa para comer?” Como não tinham, disse: “Lançai a rede ao lado direito da barca [...]. Lançaram-na” e acharam uma “grande quantidade de peixes.” E apesar de ter já “umas brasas preparadas e um peixe em cima delas e pão, disse-lhes Jesus: Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes” e os

---

<sup>64</sup> Cf. Joseph Kard. RATZINGER, *Ein neues Lied für den Herrn. Christusglaube und Liturgie in der Gegenwart*, Herder Freiburg 1995, 164, 165s, 174.

<sup>65</sup> Cf. *Cat* 336; *Mt* 18,10. Disse Santo Tomás de Aquino com Santo Agostinho: “*Ad istam societatem (ecclesiae) non solum pertinent homines, sed etiam sancti Angeli*” (*Summa Theologiae* III, q. 80, a. 2, obj. 2) e “*sub nomine proximi continetur homo et Angelus*” (Santo TOMÁS, *Super Matthaëum*, XXII, 39; Marietti 1818; SCHEEBEN, *Die Mysterien des Christentums*, 420-422).

<sup>66</sup> Cf. *Jo* 21,1-14; foi no mesmo lugar onde também multiplicou os pães, cf. *Mt* 14,14.22; 15,29; *Jo* 6,1.

convidou: “Vinde, comei”. A Igreja interpreta estas palavras como um convite “ao Seu banquete” (*Cat* 1166), logo como uma cena eucarística. Por isso, devemos dar mais atenção e olhar mais de perto a esta pesca *universal*<sup>67</sup>. Por mandato d’Ele, e não pelas suas forças naturais, os apóstolos fazem a pesca “*de cento e cinqüenta e três peixes grandes*”; são realmente peixes do mundo material, mas simbolizam todos os homens e Anjos, de modo que temos, de novo, todos os três tipos de criaturas juntos num momento eucarístico: 153 é 17 vezes 9; se explica assim: o número “17” é o número das nações que estavam presentes na efusão do Espírito Santo no Pentecostes (cf. *At* 2,9-11) e representam toda a humanidade, e o número “9” é o número dos coros angélicos, que representam todos os Anjos; nesta pesca de 153 peixes, Jesus deixa entender que não quis os homens e os Anjos juntos apenas em qualquer forma, de modo que seriam 17 e 9 peixes, que dá a quantia de 26 peixes; mas Jesus quis pela *multiplicação* de 17 vezes 9, isto é, por “153” peixes, claramente dizer que quer os homens e os Anjos unidos “pela união mais perfeita”, que só é possível por este Sacramento: “Na Eucaristia, ‘mais do que em qualquer outro sacramento, o mistério [da comunhão] é tão perfeito que conduz ao apogeu de todos os bens: nela está o termo último de todo o desejo humano, porque nela alcançamos Deus e Deus unum-Se conosco pela união mais perfeita’” (*EdE* 34).

Pode ser que os apóstolos entenderam esta revelação do Seu plano da união universal, porque, mais tarde, ao menos São Paulo fala da re-unificação de todas as coisas, daquelas da terra e daquelas no céu pelo sangue na Cruz (cf. *Ef* 1,10 e *Cl* 1,19s). E tendo mostrado este Seu projeto por esta pesca milagrosa, nesta mesma hora Jesus fez São Pedro, o “pescador de homens” (*Mt* 4,19), responsável para a execução deste “desígnio de Sua vontade”: “Apascenta as Minhas ovelhas” (*Jo* 21,17).

Na *experiência dos Santos* encontra-se uma resposta afirmativa à nossa pergunta se Deus realmente quer chamar os santos Anjos a participar na comunhão de Jesus Eucarístico com as almas. São João da Cruz escreve uma vez, comentando as parábolas do Bom Pastor e da mulher com a moeda perdida: “É coisa admirável ver o prazer e gozo que tem este amoroso pastor e Esposo da alma. [...] E não só Ele goza, mas tam-

---

<sup>67</sup> Segundo Rudolf Schnackenburg, “a quantidade de peixes justifica em todos os casos a suposição que a redação viu nisto um símbolo da universalidade” (*Das Johannesevangelium*, 3. Teil, Herder, Freiburg 2001, 426).



bém faz participantes os Anjos e almas santas da Sua alegria.”<sup>68</sup> Isto não nos deve surpreender tanto. Se eles estão com Jesus desde a Sua Encarnação até a Ascensão, será que O abandonam quando fica – mais pobre do que antes – na SS. Eucaristia? Não querem estar aí com Ele com interesse maior? O Santo Cura de Ars, São João Maria Vianney, exclamou numa homilia: “Ó meu Deus, que alegria para um cristão que tem fé! Levantando-se da Santa Mesa (da Comunhão) ele vai com todo o céu no seu coração.”<sup>69</sup> E o teólogo Louis Boyer escreve na sua *Eclesiologia*: “Receber o Senhor Eucarístico e unir-se com Ele verdadeiramente significa então igualmente: unir-se com todos com os quais Ele Se une ou já uniu, também real e inseparavelmente.” E “a Igreja se une com a Cabeça do Corpo, [...] com os Anjos, [...] que esperam a restauração do único coro da criação.”<sup>70</sup>

Se Jesus age assim nas almas dos Santos, em qual profundidade pode-se então entender o convite do esposo no Cântico dos Cânticos, que diz: “Entre no meu jardim, minha irmã, minha esposa, [...] como o meu favo

---

<sup>68</sup> São JOÃO DA CRUZ, *Cântico espiritual*, estrofe 22, introdução. Cf. semelhante testemunho do Santo: “Deus tem muitas maneiras de ‘acordar’ na alma [...] é um movimento que o Verbo faz na subsistência da alma, de tanta grandeza e senhorio e glória e de tão íntima suavidade, que [...] todos os reinos e senhorios do mundo e todas as potestades e virtudes do céu se movem. E não só isto, mas que também todas as virtudes e substâncias e perfeições e graças e todas as coisas criadas, todas à uma reluzem e fazem o mesmo movimento” (*Chama viva*, 4,4).

Tomás de Kempis escreve: “Graças Vos sejam dadas, Criador e Redentor dos homens, que, para manifestardes a todo o mundo a Vossa caridade, preparastes a grande ceia, na qual destes a comer não o simbólico cordeiro mas o Vosso Sacratíssimo Corpo e Sangue, alegrando a todos os Vossos fiéis servos neste sagrado convívio, inebriando-os com o cálice da salvação, onde se acham todas as delícias do paraíso e banqueteiavam conosco os santos Anjos; mas de um modo mais suave e feliz” (*Imitação de Cristo*, [ed. Paulinas, São Paulo 1982] IV, 11.5).

São Luís Maria Grignon de Montfort convida as almas: “Corra, ó alma, em espírito ao céu e através da terra inteira e peça a todas as criaturas, que agradeçam a Jesus e Maria, que os venerem e amem” (citado em: *Das Goldene Buch der vollkommenen Hingabe an Jesus durch Maria*, Freiburg <sup>19</sup>1958, 493s [não se encontra mais em edições posteriores]; cf. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, n. 265). Semelhante conselho dá o Cura d’Ars: depois da Comunhão “convida a Beata Virgem e todos os Santos e Anjos para agradecer ao Bom Deus contigo” (CONVERT, *Eucharistic Meditations*, 103).

<sup>69</sup> CONVERT, *Eucharistic Meditations*, 78.

<sup>70</sup> L. BOUYER, *Die Kirche*, Band II. *Theologie der Kirche*, Johannes Verlag, Einsiedeln 1977, 145 e 148.

com meu mel, e bebo o meu vinho com meu leite. *Amigos comei, bebei, inebriai-vos, ó caríssimos*” (Ct 5,1)?

A Igreja é “*comunhão dos santos*”: esta expressão designa primeiro as “coisas santas” (*sancta*) e antes de tudo a Eucaristia, pela qual “é representada e realizada a unidade dos fiéis que, em Cristo, formam um só corpo”<sup>71</sup>. (Cat 960)

Entre eles contam-se todas as pessoas santas, os vivos nesta terra, assim como todos aqueles que já dela partiram, estejam ainda no purgatório, estejam já na glória celeste.<sup>72</sup> *Até os Anjos santos pertencem a ela*, como “*ainda aqui na terra, a vida cristã participa na fé da sociedade bem-aventurada dos Anjos e dos homens, unidos [já] em Deus*”. (Cat 336)<sup>73</sup>

Por conseguinte podemos crer que o Cristo Eucarístico nos levará à *Jerusalém celeste* (cf. Hb 12,22-24), o estado final do Reino de Deus e da Igreja. Lá haverá a união definitiva de todas as criaturas, o mundo material representado pela muralha, o mundo espiritual pelos Anjos que guardam os portões, e os homens. Diz-nos São João: “Tinha grande e alta muralha com doze portas, guardadas por doze Anjos. Nas portas estavam gravados os nomes das doze tribos dos filhos de Israel”.<sup>74</sup>

#### d) Um raciocínio

Por fim e como quarto motivo, levanta-se a razão, que deve fazer-nos refletir, baseando-se na lógica e harmonia do agir de Deus. A razão diz, em forma bem simples: não pode ser diferente, pois:

Se Deus é um só, mas que existe em três Pessoas, e  
se Ele criou três diferentes tipos de criaturas em Sua semelhança,  
as puramente materiais, as puramente espirituais, e o homem como  
composto de espiritual e corporal,  
então Ele deve querer que estas três se unam para tornarem-se um  
reflexo melhor e mais autêntico possível d’Ele.

---

<sup>71</sup> S. POLICARPO, *Mart.*, 17.

<sup>72</sup> Cat 954; cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*, 1992, n. 6.

<sup>73</sup> “Do mesmo modo, a vida da Igreja se beneficia da ajuda misteriosa e poderosa dos Anjos (cf. At 5,18-20; ...)” (Cat 334).

<sup>74</sup> Ap 21,12. “E todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo que contém, eu as ouvi clamar: ‘Aquele que se assenta no trono e ao Cordeiro, louvor, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos’” (Ap 5,13; cf. Sl 148 e outros).

Mas como se pode realizar isto senão em Cristo, por Quem e para Quem foram criadas todas as criaturas?!

Constatamos, devido aos diversos dados referidos, *que* o Cristo Divino-Humano e Eucarístico é e será no fim o Cristo universal, no qual Deus será “tudo em todos”.

No entanto, uma observação do próprio Santo Tomás<sup>75</sup> nos deixa a seguinte pergunta: *Como* será isto realizado? Como será todo o mundo santificado pelo Cristo Eucarístico? Como comerão os Anjos da Eucaristia, e serão transformadas as estrelas no extremo do universo cósmico?

O mistério eucarístico é um mistério totalmente sobrenatural (como a Santíssima Trindade e a Encarnação), do qual podemos, pela fé, conhecer o fato, mas nunca compreender *o modo ou o como*. Aqui vale o que a Igreja ensina sobre o mistério da ressurreição: “Este ‘como’ ultrapassa nossa imaginação e nosso entendimento, sendo acessível só na fé”.<sup>76</sup>

### III. Conclusão

Mesmo se sabemos do fato e não podemos explicar o modo, faz sentido tratar este tema e olhar ao todo da realidade na qual a graça nos chamou, a este rio de sangue salutar do Coração do Divino redentor que quer crescer e levar-nos ao oceano da TRINDADE DIVINA. Pois como em todo o Antigo Testamento o povo rezou pela redenção sem poder jamais imaginar *como* ela seria realizada, assim também nós devemos desejar e pedir a Deus a realização completa do Seu plano de salvação, isto é, de tirar-nos deste vale de lágrimas e introduzir-nos na felicidade eterna no céu, mesmo sem podermos imaginar *como* Ele realizará o Seu plano! Para desejar a plena realização da Igreja e a descida da Jerusalém celeste não precisamos saber “como” será. A confiança em Deus completará esta parte.

Nesta confiança deveríamos unir-nos aos Maronitas que cantam na sua liturgia: “Bendito seja Aquele que elevou o grande dia do Domingo acima

---

<sup>75</sup> A objeção de Santo Tomás é a seguinte: Os santos Anjos não recebem o sacramento da Eucaristia (cf. *Summa Theologiae* III, q. 80, a. 2).

<sup>76</sup> *Cat* 1000. “Ninguém, com efeito, de si mesmo é capaz de conceber e compreender essas coisas, que transcendem até a própria inteligência angélica” (*Imitação de Cristo*, IV, 4.1).

de todos os dias. Os céus e a terra, os Anjos e os homens abandonam-se à alegria (da Liturgia dos Maronitas)” (JOÃO PAULO II, *Dies Domini. Sobre a Santificação do Domingo*, 1998, n. 55).

Titus Kieninger ORC